

M *Cg 108*
anchete

NR\$ 1,20 • N.º 808 • RIO DE JANEIRO, 14 DE OUTUBRO DE 1967

em cores

**A RÚSSIA
DE HOJE**

EUA

**FOGUETES ATÔMICOS
CONTRA A CHINA**

Exclusivo
MEU IRMÃO LEE OSWALD



A MODA • DE CHANEL A COURRÈGES



CHICO

CANTA O SEU REFRAO

Entrevista a Christina Autran

Procurei Chico Buarque muito tempo antes de conseguir marcar a entrevista. Nunca estava, vinha sempre "daqui a pouco", acabou viajando. Uma semana depois consegui encontrá-lo em seu apartamento do Leblon, um lugar cheio de bossas e coloridos. Ele me esperava já tomando sua cervejinha, a vitrola tocando uma música de Vivaldi. Chico não se importa com o barulho da garotada jogando uma pelada no baixo: desde moleque joga futebol na rua. Procura aparentar calma, mas não parece estar muito à vontade e descontraído. Nega: "Estou sossegado, estou vendo aquela nuvem lá em cima, vendo que vai chover, tomando cervejinha".

Quando fala, Chico dá a impressão de ser gago. Faz pausas constantes para formular exatamente o que vai dizer, às vezes começa uma frase, interrompe, recomeça tudo de outra maneira. Não se considera um vago, alguém que não toma conhecimento de nada: "Sou meio distraído, mas se eu não tomasse conhecimento do mundo, não poderia fazer música. Porque as minhas músicas são uma tomada de posição diante das coisas. Estou vendo e observando o que acontece". E ele vê e observa com imensos olhos verdes, agora meio assustados. Seu pai, Sérgio Buarque de Holanda, disse certa vez: "Não acho criança pequena bonita, e o Chico era queixudo. Mas tinha uns olhos verdes muito claros".

O menino queixudo foi pequeno para Roma. Nessa época, Vinícius de Moraes passava quase todas as tardes por sua casa, Chico fazendo perguntas o tempo todo. Durante esses dois anos que morou em Roma, gostava de fazer plantas de cidades fantásticas. O detalhe é que todas elas tinham uma fonte exatamente no centro. Ele explica: "Eu sempre gostei muito de cidades e desenhava em papel de embrulho. Por isso é que resolveram que eu devia fazer arquitetura e urbanismo, mas aí não tinha mais graça: era tudo muito estudado, não me interessava. Eu queria era fazer coisas de minha cabeça, bem complicadas."

Gostar de complicação é indicio de neurose, mas o adulto Chico Buarque diz que não tem esse problema e não faz análise. E o que ele faz, desde criança? "Tudo o que qualquer brasileiro faz", diz Chico, "desde o presidente da República até o operário: jogar futebol, bater caixa de fôfôro, encontrar amigos, tomar chope. Desde pequeno isso faz parte de minha vida, como da vida de todo mundo. O que eu sei é que tenho muito em comum com o brasileiro médio. O que eu faço é pelo menos isso: brasileiro. Mas nem todos gostam de todas as minhas músicas. Há

algumas que não são cantadas e nem apreciadas".

Uma vez Néelson Rodrigues disse que "Chico é um parente distante que chega de repente e penetra na intimidade de nosso lar". Pausa. "Eu não sei o que sou", diz ele, "mas fico contente com a frase do Néelson". Parece que ficou mesmo. Riu e encabulou. Não sabe se é importante: "Esses valôres andam muito torcidos, sabe? Acho que dão importância demais para coisas sem importância. Agora, não sou eu que faço isso e acho que, nesse caso, a apatia não é minha. A apatia é geral, de uns tempos para cá em relação a certos problemas importantes. O remédio é ficar cantando. Meu canto não importa mas canto porque gosto e, para mim, é importante. Para os outros, não sei. Além disso, não sei ainda o que é realmente importante".

Quando pergunto se sua simpatia é natural ou profissional, Chico sorri: "Obrigado pelo elogio. Não tenho muita paciência de me fazer simpático, mas também acho que não sou antipático. Quando não estou de bom humor, aí eu me fecho, pego meu violão e fico sózinho num canto. Não gosto que ninguém me chateie e não vou chatear os outros". E como ele se vê dentro do mundo? "Não tenho uma visão tão grande", responde, e continua: "Dentro do mundo eu sou muito pequeno. Eu me vejo dentro de casa, só". Há algum tempo, seu pai disse: "Chico só fica em casa quando está fazendo música. Não gosta de tocar para a família e só ouvimos suas músicas quando estão prontas e são apresentadas no rádio". Chico explica sua música: "Ela fala do dia-a-dia, mas não se dirige a nenhum público em especial. Cantou cantou; não cantou, pior para mim".

Muitas vezes tive que repetir as perguntas, talvez porque ele quisesse ganhar tempo para pensar nas respostas. Citei uma frase atribuída a ele numa entrevista: "Para nós, o que existe mesmo é a terra, a fome, o samba e o povo a crescer e a se formar". Chico não confirma: "Eu não disse isso, porque não usaria esses termos. E se disse, esqueci as mulheres: sem elas, o povo não cresce e nem se forma".

O que o seu empresário fez para você ter tantos amigos e todo mundo gostar de você?

Chico se espanta com a pergunta: "Meu empresário só controla a minha vida profissional, que é, sobretudo, um deixar correr. Nunca tive pretensões artísticas e as coisas aconteceram sem eu saber como. Mas aí também não vejo porque não gostar, bolas. Não estou atrapalhando a vida de ninguém."

Você tem preconceitos?

Outro espanto: "Não, não tenho nenhum. Pelo menos não me ocorre agora". Outra resposta: "Ser Chico Buarque não dá trabalho. O que dá trabalho é não ser. Porque ser eu mesmo é ser dentro de casa, ser andando na rua, indo à praia, tocando meu violão para mim mesmo, e assim por diante. Dou mais importância ao meu trabalho de criação que ao resto".

A teoria de música ainda tem mistérios. Chico está estudando e tomando aulas: "O fato de conhecer música não quer dizer que se possa fazer boa música. Estou estudando a fim de poder escrever e talvez arranjar minhas próprias composições e cuidar mais delas, depois de prontas. Para mim, basta o violão. Conheço o instrumento e faço harmonia; posso não saber direito o que estou fazendo, mas estou fazendo. Agora eu quero saber tudo direitinho, quero conhecer a explicação para isso e aquilo, poder escrever e arranjar as canções que fiz, entende? Para que elas sejam mais definidas e respeitadas. Tem muita gente que diz que a pesquisa de folclore, de raízes é essencial, imprescindível para a composição. Eu não acho. Dou todo o valor a esse pessoal que pesquisa, tem gente muito boa fazendo isso. Agora, eu também dou valor ao compositor de morro, que não faz pesquisa consciente mas fala a língua do povo. E eu estou mais perto do compositor do morro do que do pesquisador. A minha pesquisa — se é que ela existe — é uma coisa inconsciente".

De repente, Chico se descontrai: "Hi, rapaz, eu não sei explicar esse negócio. Falar do trabalho da gente é muito difícil". Mas logo volta a falar de música: "Olha, dependendo da honestidade e da sinceridade, vale a pena protestar. Tenho a impressão de que existe às vezes uma pretensão muito grande, pensar que se vai conseguir mudar tudo com uma música, entende? Acho isso um pouco pretensioso. Não estou pretendendo salvar o mundo, nem acho que a música vai salvá-lo de coisa alguma. A solução? Ah, isso já é outro assunto, e muito comprido. Mas a solução não é a música, não é cantar. Em todo caso, a música é sempre uma aspirina. E é melhor cantar do que não cantar".

Chico acha que o compositor tem a liberdade de dar o conteúdo que quiser à sua música: "Pode falar só de amor, só de política, pode falar de tudo. Acho apenas que, quanto mais o negócio for ligado aos nossos problemas, melhor". Em política, Chico Buarque tem pensamentos definidos, mas acha melhor não falar — "porque senão a entrevista não sai".

